

JORGE, UM BRASILEIRO E A SUBJETIVAÇÃO PELO TRABALHOBárbara Del Rio Araújo¹Sarah Garcia Amarante²

RESUMO: Esse artigo analisa a narrativa de *Jorge, um brasileiro* a fim de evidenciar como o processo de composição da subjetividade do protagonista se molda pelo trabalho precarizado que executa como caminhoneiro. No que concerne à forma do romance, a qual traz aspectos de outros gêneros, como o mítico-bíblico, pode-se verificar uma discussão moral em relação ao tema do trabalho. Assim, a narração apresenta o fluxo de experiências cerceadas pelas relações de produção, que inclui a confecção da própria obra, a qual foi publicada no contexto ditatorial e serviu criticamente ao emblema da ordem e do progresso. Nesse sentido, é possível constatar como a individualidade se molda e se tipifica pela cultura organizacional de um capitalismo periférico como o brasileiro. Por detrás da tessitura narrativa, em jeito de conversa, em frases que se alongam, em palavras interpelativas visando a cativar o interlocutor, ergue-se o mundo da opressão. O padrão de Jorge, senhor Mario, está presente visceralmente no seu modo de agir e pensar, assim como Seu Alcindo está na cabeça de outros personagens, do mesmo modo como Seu Romualdo. Deste modo, a experiência narrativa se torna cíclica e a reprodução da subjetividade também, num processo de esvaziamento.

Palavras-chave: Personagem. Trabalho. *Jorge, um brasileiro*.

JORGE, UM BRASILEIRO AND THE SUBJECTIVATION THROUGH WORK

ABSTRACT: This paper analyzes the narrative of *Jorge, um brasileiro* in order to show how the process of composing the protagonist's subjectivity is shaped by the precarious work that he performs as a truck driver. With regard to the novel form, which brings aspect of other genres, such as the mythical-biblical, a moral discussion can be seen in relation to the theme of the work. Thus, the narration presents the flow of experiences constrained by production relations that includes the creation of the work itself, which was published in a dictatorial context and served critically as an emblem of order and progress. Behind the narrative structure, in a conversational way, in extended sentences, in interpellative words aimed at captivating the interlocutor stands the world of oppression. In this sense, it is possible to see how individuality is shaped and typified by the organizational culture of a peripheral capitalism, such as the Brazilian one. Jorge's boss, Mr. Mario, is viscerally present in his way of acting and thinking, as Alcindo is present on the head of other characters, just like Mr. Romualdo. This way, the narrative experience is cyclical as well as the reproduction of subjectivity, in a process of emptying.

Keywords: Character. Work. *Jorge, um brasileiro*.

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente da CEFET/MG. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5415-6981> E-mail: barbaradelrio.mg@gmail.com

² Bolsista de iniciação científica CEFET-MG e FAPEMIG. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3962-8472>. E-mail: sarahamarante7@gmail.com.

1. Introdução à personagem: a subjetivação pelo trabalho

Antonio Candido, em *A personagem de ficção*, disserta acerca da relação entre a personagem e a sociedade. Nesse aspecto, embora ressalte a obviedade de que a personagem seja um ser de papel, não deixa de especificar as determinações múltiplas da estrutura social que a embasam, sendo a construção dessa figura, em certa medida, mais complexa e autônoma. Isto posto, se faz necessário discorrer sobre os princípios matizados da representação, em que o processo mimético celebra uma “objectualidade ontológica” encarnando ideologias:

[...] a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Quando, por exemplo, este está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo. [...] Inversamente, se está interessado menos no panorama social do que nos problemas humanos, como são vividos pelas pessoas, a personagem tenderá a avultar, complicar-se, destacando-se com a sua singularidade sobre o pano de fundo social. (CANDIDO, 1987, p. 74).

A ficção é uma versão sobre a realidade e seus acontecimentos. Nesse âmbito, a literatura tem diálogo estreito com a instituição social, ainda que essa sempre apareça forjada na criatividade do autor. O estilo literário revela, além dos códigos linguísticos, modos de existência e sentimentos interpessoais. Para Antonio Candido, a literatura é capaz de produzir conhecimento sobre o homem e a realidade que o cerca, mas isso não quer dizer que seja um simples espelhamento, mas um depoimento profundo sobre as relações humanas. A personagem da narrativa se destaca pela representação da natureza humana em que sua constituição interna, o modo como se apresenta no enredo, proporciona uma investigação crítica, cujo aspecto mais importante para o estudo do romance resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. (CANDIDO, 1987, p. 75).

A forma da narrativa fará, portanto, com que o texto capte e represente a realidade de modo crítico. A construção do personagem possibilitará organicamente demonstrar as complexidades que envolvem a vida, ainda que se trate de uma criação. Assim, cada personagem carregará traços típicos e ideológicos próprios, contudo eles são elementos críticos na medida em que são representados, isto é, todo o contexto em que a personagem está inserida e suas características, “o quem ela é”, torna-se um objeto de reflexão, já que cada personagem possui uma autoconsciência. Todo esse imbróglio é interessante na medida em que existe autonomia do objeto literário que permite a reflexão social e histórica. É a partir dessa estrutura

que se permitirá organizar perspectivas similares e também contrárias à realidade, proporcionando a crítica autêntica (BAKHTIN, 2010, p. 52).

Na formação de uma personagem, nenhum elemento é neutro. A relação que essa estabelece com o autor e com o mundo real é sempre dialógica. Especificamente, na obra *Jorge um brasileiro*, de Oswaldo França Jr, é apresentado um trabalhador caminhoneiro, inserido em um contexto de capitalismo periférico, implementado nacionalmente em uma discussão que abrange o cenário do desenvolvimento precário das estradas brasileiras no plano econômico ditatorial. Jorge, o protagonista, é identificado pelo trabalho e a sua atividade influencia a criação da sua subjetividade como indivíduo.

A apreciação do trabalho produtivo é incorporada tão fortemente que Jorge não mede esforços para cumprir com o seu dever, indo até além daquilo que é sua obrigação. Essa alta produtividade está diretamente ligada ao modo de produção capitalista, em que o mais importante é o produto final e o lucro que se é capaz de obter. É o que se percebe através do trecho: “O senhor Mário me disse dos juro que aquilo consumia e do dinheiro que iria render quando estivesse trabalhando, e eu, então, saí para a rua e vou dizer para você que nunca trabalhei tanto para colocar cinco carros em condições de funcionar” (FRANÇA JR, 1982, p.25). Tendo em vista os prejuízos financeiros e o que poderia ganhar, Jorge se empenha ao máximo para fazer com que os carros funcionem o mais rápido possível.

Podemos dizer que na obra, Jorge não possui em si a representação do trabalhador caminhoneiro, mas principalmente, a autoconsciência do trabalhador caminhoneiro, que detém aspectos de vertente ideológica e pontos de vistas, responsáveis por formar um panorama polifônico no romance. Esse panorama é composto por ideais, pensamentos e pontos de vista, refletindo no caráter, na personalidade das personagens e nas ações tomadas por elas dentro do âmbito da obra, o que desencadeia suas relações sociais e seu modo de observar o mundo. É perceptível que Jorge possui uma visão de mundo que é moldada através da forma de trabalho que ele realiza, refletindo em seu comportamento seja com o patrão, seja com outros trabalhadores ou nas relações pessoais e íntimas. Jorge não se importa com as condições precárias em que era submetido a trabalhar, vive limitado à sua condição de produção: “E me parecia que eu tinha que trabalhar até tarde da noite e me levantar cedo, e que se não fosse assim, estaria perdendo tempo e deixando outros passarem à minha frente. (FRANÇA JR, 1982, p. 58). Nota-se que vida de Jorge é totalmente vinculada ao ritmo acelerado de seu trabalho, não existindo tempo para uma reflexão acerca dele e sobre a função que exerce, ele vive para trabalhar. Neste aspecto, pode-se dizer que Jorge é o funcionário ideal pelo ponto de vista do empregador. Já que o objetivo dele é sempre fazer com que haja mais viagens e carregamentos

nos caminhões, acreditando nas palavras de seu patrão que dizia para ele, que com isso, Jorge “ia acabar um homem cheio de dinheiro”. E Jorge, com seu pensamento mecanizado de produção, não percebia que estava trabalhando tanto, para no final contribuir para o enriquecimento de uma outra pessoa. Por estar em uma posição de encarregado, mas de quem sempre resolvia os problemas, Jorge, inicialmente, não a percebia a grande distância que existia entre ele e Mário, seu patrão. Inclusive, ele age com os outros motoristas com mandonismo, sendo sempre exigente.

O fluxo de experiência é o grande motor dessa prosa que expõe tanto a vida atual de Jorge, sua pressa constante para levar e buscar carga, quanto o seu passado, cercado de cheiro de cola e com o estribilho no cérebro sinalizado pela voz de ameaça do patrão que não parava de gritá-lo. A narrativa é sobretudo conduzida na técnica assunto-puxa-assunto, processo em que um tema desencadeia outro, tendo como foco central as falas do protagonista. É Jorge quem conduz a conversa ininterruptamente, sem capítulos ou demarcações, gerando a impressão de fluidez, típica da fala livre, o tom coloquial de fabulações de um trabalhador que descreve os locais, pessoas, sentimentos e pensamentos a um interlocutor que “está de carona”, metaforizando consequentemente a situação do próprio leitor. Contudo, esse leitor não tem voz e Jorge não perde um minuto ou uma oportunidade de demarcar a sua opinião e posicionamento, comportando como os patrões que lhe empregava: “O trabalho também transforma, forçosamente, a natureza do homem que o realiza” (LUKACS, 2003, p.70). Deste modo, atrás da tessitura narrativa, em jeito de conversa, em frases que se alongam, em palavras interpelativas com façanhas a cativar o interlocutor, ergue-se um mundo da opressão: a técnica de contar prosa, o tom próximo e despojado faz revelar o trabalho como manipulador de todo o raciocínio subjetivo das personagens que processa a experiência pela engrenagem de produção:

Não somente o objetivo existe na consciência antes de realizar-se materialmente; essa estrutura dinâmica do trabalho se estende também a cada movimento singular: o homem que trabalha deve planejar antecipadamente cada um dos seus movimentos, e verificar constantemente, de forma crítica e consciente, a realização do seu plano. (LUKACS, 2021, p.90).

A subjetividade representada nas ações e pensamentos é definida pela relação de produção. A consciência representada se faz pelo ideal do trabalho e pelo apreço do serviço cumprido, além do respeito fiel ao patrão. Isso acontece com Jorge, mas também com outros trabalhadores personagens. A forma da narrativa deixa perceber que toda individualidade é cerceada e tipificada pela cultura organizacional do mundo produtivo de um capitalismo

periférico como o Brasil. Nesse aspecto, Jorge reproduz o patronado com o leitor, com outros prestadores de serviço, e também com Sandra, sua namorada: “Ela disse, então, para eu não xingar. Tornei a xingar bati com a mão no assento. E tornei a bater e joguei a kombi pra junto do meio-fio e mandei que ela descesse”. (FRANÇA JR, 1982, p. 30). É percebido a postura autoritária e desrespeitosa com que ele se dirige à moça por estar habituado em receber esse comportamento hostil em seu dia a dia no trabalho; acaba assim incorporando essas atitudes e o reproduzindo com outras pessoas em suas relações.

Com o prazo de entrega das carretas de Caratinga para Belo Horizonte quase se esgotando, e com a dificuldade de se andar pelas estradas de lama, Jorge não vê saída a não ser ele mesmo abrir caminhos por onde as carretas passarão: “Mas estrada eu sempre achei que tudo é uma coisa só. E se você ajuda a fazer a ponta dela, a outra ponta também parece que tem serviço seu, e que também é um pouco sua” (FRANÇA JR, 1982, p. 105). Nesse momento, destaca-se o aspecto épico e heroico, tentando reforçar a meritocracia de um sujeito cuja máxima é “quem quer faz por onde”: “Combinamos tudo, e falei com os meus motoristas, porque em tudo eu sempre agia como se eu fosse o dono dos caminhões” (FRANÇA JR, 1982, p. 57). Jorge está em uma posição de empregado, mas que possui certa autoridade em relação aos outros trabalhadores braçais. É sempre ele quem dá as ordens e isso faz com que reproduza a exploração da qual ele próprio também é submetido, em que há sempre o mesmo pensamento mecanizado: pouco interessa as dificuldades de se levar as mercadorias ao percorrer o caminho, os trabalhadores tudo suportam (seja pela carga horária de trabalho exaustiva, ou pela precariedade das condições de trabalho). O importante é o resultado, isto é, o produto final das mercadorias chegarem dentro do prazo de entrega. Jorge até reconhecia a vida precária de outros trabalhadores, mas não a sua própria: “E não sei como é que aqueles rapazes conseguiam dormir aí dentro” (FRANÇA JR, 1982, p. 104), sendo que ele mesmo, muitas vezes passava por condições extremamente parecidas. A busca incessante pelo resultado final e pela produtividade acarreta na criação de uma sociedade desumanizada em que os trabalhadores são reduzidos à condição de meras engrenagens do sistema capitalista de produção. Portanto, a personagem se identifica pelo trabalho, mas esse a consome de modo que acaba perdendo a sua própria personalidade e individualidade, sendo peça de um sistema maior.

2. Jorge, um brasileiro (qualquer)

Em princípio, Jorge é um prestador de serviços, mas não percebe, na exposição das relações inter-humanas que o cercam, como se torna mercadoria, tendo seu valor a importância

apenas quando está relacionada à troca. A função dos contatos se torna, para ele, implícita, administrando racionalmente e quantitativamente o mundo abstrato das relações: “assim o homem se transforma cada vez mais em autômato, sofrendo passivamente as ações de leis sociais que lhes são totalmente exteriores” (GOLDMANN, 1991, p.128). A vida psíquica e social de Jorge é modulada pelo trabalho. Dr. Mario, seu patrão, é quem comanda as ações. De modo similar, Jorge se torna o Dr. Mário de outros trabalhadores. Tudo isso revela a reprodução de uma subjetividade objetificada pelo valor do trabalho e associada a quem produz, quem é servido.

Interessante nesse raciocínio é que o trabalho, que seria um dos elementos para trazer identidade e configurar a personalidade de Jorge, passa a neutralizar a sua subjetivação a ponto dele poder ser encarado como um homem-caminhoneiro ou a figura totalizadora do brasileiro, lugar apenas do trabalho: “essa mecanização racional penetra até na alma do trabalhador: inclusive suas qualidades psicológicas são separadas do conjunto de sua personalidade para poderem ser integradas em sistemas racionais e reconduzida ao conceito calculador” (LUKACS, 2003, p.202)

A narrativa, que parece configurar o pensamento livre do homem, revela o quanto enclausurado ele está. Jorge não se coloca como verdadeiro portador do processo, é incorporado como parte mecanizada, num sistema que está pronto e funcionando independente da sua força e a cujas forças só basta ele se submeter. A reificação de Jorge e a coisificação das suas relações ficam evidentes, pois tudo que não esteja ligado à esfera de seu trabalho é tido como descartável e sem muita importância, já que ele está sempre muito preocupado com o quanto se está produzindo. A realização do trabalho como caminhoneiro, ao mesmo tempo que é responsável por criar uma identidade a ele, também é causa da perda de sua personalidade e individualidade. Isso ocorre porque tudo é transformado em mercadoria, inclusive o trabalho e o sujeito trabalhador. Jorge passa a representar uma espécie de alienação causada pelo próprio trabalho: “as reificações alienadas ocorrem quando a subjetividade é transformada em um objeto, em um sujeito-objeto. O indivíduo chega a auto alienar suas possibilidades mais próprias, vendendo sua força de trabalho sob condições que lhe são impostas” (ANTUNES, 2015, p.160).

Uma das formas de sustentação desse processo é através da ideologia acerca do valor do trabalho, que é responsável por dominar a consciência do personagem fazendo com que ele não reflita e não pense sobre sua condição de trabalhador e de explorado. É como se o discurso moralista do trabalho presente na obra impedisse Jorge de entender qual é o seu verdadeiro papel da sociedade, afinal, ele está o tempo todo trabalhando para a que a “máquina” funcione corretamente, sem ao menos perceber isso. Em raros momentos, como no desfecho final do

enredo, é possível perceber alguma vontade de contestação a esse *modus vivendi*. Contudo, a conformidade à ordem existente e os domínios da vida social é inegável. O mesmo acontece com os demais trabalhadores. O vezo moralista da narrativa é necessário também a fomentar os propósitos do capital e do contexto ditatorial. Tudo isso está presente sob uma aparência de uma fala cotidiana, simplória a demonstrar ironicamente como “o tempo é tudo, o homem já não é mais nada; quando muito, é a personificação do tempo”. (LUKACS, 2003, p.205)

Sua avidez constante por trabalhar e por produzir o impede de desfrutar de qualquer prazer e ócio. Não há dúvidas sobre o preceito moral dessa engrenagem, já que é constante a repetição dos dizeres populares, como “Deus ajuda a quem cedo madruga”. O cansaço é motivo de orgulho para Jorge, fazendo com que, nos momentos em que não há carregamento e frete, ele esteja sempre pensando em maneiras de tornar o serviço mais eficiente possível, não conseguindo se desvincular dele. O sujeito se torna esvaziado, pois a maioria de seus pensamentos e ações estão direcionados ao trabalho e à sua condição de produção. Isso se agrava diante da sua posição social de encarregado: não é preciso pensar, é necessário apenas fazer o que lhe é mandado. Como um excelente funcionário, ele vislumbra sempre melhorar a produção pois esse imaginário lhe transporta para a condição de dono, empreendedor e estrategista, aspecto que reforça ainda mais a sua condição alienada e coisificada.

Jorge, como um autêntico representante da classe trabalhadora brasileira, carrega consigo valores morais que regem sua vida e suas ações, pautados fortemente na máxima bíblica de que o trabalho dignifica o homem. Sendo assim, quanto mais trabalho, melhor e mais digno. A intensa satisfação na ação de produtividade, além de ser uma capacitação individual pelo trabalhador é também tratada como caridade pelo empregador por estar colaborando com o coletivo, escondendo toda mais valia exploratória nesse processo: “O trabalho lá era de virar quantos dias e noites aguentasse, porque a Companhia era de uma engrenagem que dava gosto de trabalhar para ela. Não parava dia nenhum, e não havia desculpas” (FRANÇA JR, 1982, p. 125). Dr. Mário, como forma de reforçar esses valores morais, sempre dirige a Jorge palavras de incentivo ao trabalho que era bem executado, assim o caminhoneiro amarrado na conversa de que é muito bem feito, não media esforços para fazer o que beneficiaria o patrão: “Não tinha tido uma coisa que eu tivesse feito que o senhor Mario não tenha achado que era a melhor coisa”. (FRANÇA JR, 1982, p.73).

Por isso, mesmo com a intensa dificuldade de se transportar as carretas devido as chuvas, Jorge persiste para que o carregamento chegue a tempo, para não causar prejuízos ao chefe. Emprega seus dias de folga, a sua força física para consertar o caminhão, se colocando em risco, tudo em nome da entrega dentro do prazo. Nesse aspecto, a própria forma do livro

dialoga com essa moral, pois é um acontecimento heroico realizar a missão de transportar a encomenda dentro de 7 dias, com as precárias condições existentes, fazendo analogia à saga bíblica de Gênesis, a criação do mundo. Assim, o trabalhador acaba adotando uma postura de automatização e passividade: tudo que é necessário é realizar seu trabalho de uma forma bem-feita, sem se importar com as precárias condições em que se é submetido. Essa mecanização do pensamento desencadeia uma certa insensibilidade: “O avanço dos meios técnicos de esclarecimento é acompanhado por um processo de desumanização. Assim, o progresso ameaça anular o próprio objetivo que ele supostamente deveria realizar- a ideia de homem” (HORKHEIMER, 2015, p.8).

O que se nota, portanto, é que o trabalho, responsável por dar identidade ao indivíduo, o anula e, pior que isso, o desumaniza, reduzindo à coisa mercadológica. No caso de Jorge, situação que remete à condição periférica do capitalismo, isso tudo se intensifica já que esse trabalhador não disfruta do mínimo bem-estar social e não pode ser amparar no Estado e nas leis. A personalidade de Jorge é moldada através de seu trabalho de caminhoneiro, sendo a parte central de sua vida. É como se, na ausência do trabalho, ele não possuísse identidade, dignidade ou valor: “Como no interior do trabalho estão pela primeira vez presentes todas as determinações constitutivas da essência do ser social, ele se mostra como a sua categoria originária” (ANTUNES, 2015, p. 145). Sua falta de autonomia é apresentada, pois Jorge não é quem detém os meios necessários de produção, como, por exemplo, o caminhão e a carga. Ele depende e é subordinado de terceiros e das ordens de seu patrão. No final da narrativa, ele percebe o quanto sua função de encarregado é substituível, já que existe um contingente enorme de pessoas que podem executar o seu serviço e dar sempre mais. Esse fechamento é sugerido como um viés crítico, ainda que pouco explorado até mesmo em função do contexto de publicação do livro.

Jorge é a representação do espírito do brasileiro, que apesar das dificuldades das condições precárias e do salário miserável, valoriza o seu trabalho e o realiza com disposição e que dá tudo de si, sem medo do cansaço e dos desafios, sendo este, parte definidora de seu caráter. O caminhoneiro é um homem comum que apesar dos pesares e complicações, como a injustiça, está sempre batalhando para sobreviver. Isso moralmente é acentuado na narrativa como um valor de dignidade. Em contrapartida, há uma perspectiva crítica, sobretudo no desfecho do enredo de que como ser um trabalhador cumpridor pode levar ao esvaziamento do sentido da vida e favorecer apenas ao capital que ele não detém:

Tal mecanização é, de fato, essencial para a expansão da indústria; mas se ela se torna o traço característico das mentes, se a própria razão é instrumentalizada, ela assume certa materialidade e cegueira, torna-se uma entidade mágica que é aceita em vez de ser experienciada intelectualmente. (HORKHEIMER, 2015, p. 31).

A autoconsciência de Jorge revela para além da sua (des)caracterização e personalidade, a representação de um moralismo imprescindível ao contexto ditatorial em que a obra fora lançada. Em *Jorge, um brasileiro* é possível compreender, através da formação das personagens e da forma da narrativa, o complexo socioeconômico cultural que nos rodeia. É possível ainda notar como ele se torna ainda mais intrincado na abordagem do trabalho precarizado, sem atenção às leis. Deste modo, a crítica é contundente aos impasses revelados na periferia do capitalismo.

3. *Jorge, um brasileiro* e o contexto ditatorial

A obra carrega consigo importantes aspectos ideológicos que foram influenciados pelo contexto de sua produção e publicação durante a ditadura militar brasileira, quando as grandes empresas se beneficiavam da exploração para lucrarem através da mão de obra barata, devido ao baixo preço da força de trabalho. Nesse momento, houve franca expansão das atividades industriais no Brasil e, apesar do afamado milagre econômico, a população era submetida ao arrocho salarial e inflação exagerada o que prejudicava a estruturação da mínima qualidade de vida. (PAULINO, 2020, p.7).

Os trabalhadores eram submetidos a uma grande precariedade de funções, recebendo menos que um salário mínimo, sem amparo de leis trabalhistas. Sofrendo também com a extrema censura de jornais e meios de comunicação, qualquer tipo de bem estar social era extirpado impossibilitando qualquer movimento coletivo em busca da restituição dos direitos civis. É inegável, assim, que a ascensão econômica desse período, o chamado “milagre econômico”, aconteceu devido às custas da grande exploração dos operários e trabalhadores, que sofriam subnutrição, acidentes e mortalidade em prol de um regime político ideológico opressor. A população brasileira era influenciada pelo discurso moralista que, através de slogans como “Brasil, ame-o ou deixe-o”, reforçava a importância de tudo se fazer em nome da ordem e do progresso nacional. O trabalho, o esforço e a subjugação seriam recompensados, ainda que os beneficiários do “milagre” se circunscreviassem a uma pequena parcela da população reforçando ainda mais o abismo da desigualdade social brasileira.

A obra literária *Jorge, um brasileiro* é capaz de representar tanto o contexto ditatorial quanto ser crítica a esse momento. A crítica se faz de modo velado, mas é existente ocorrendo na exposição das contradições na fala de Jorge que, quanto mais se afirma, menos existe, revelando a engrenagem do sistema que é submetido.

A ideologia pode ser definida como “mecanismos conscientes que a classe dominante usa para exercer a dominação, ganhando o contorno de falseamento da realidade”. (CHAUÍ, 2008, p.24). Nesse contexto, muitas produções artísticas do período que criticassem os ideais moralistas dominantes eram severamente censuradas como, por exemplo, a música “Bonde São Januário”, que precisou sofrer modificações em sua letra original: “O bonde São Januário/ leva mais um sócio otário/só eu não vou trabalhar” que associava a imagem do trabalhador à figura do idiota, precisou ser modificada para: “ O bonde São Januário/ leva mais um operário/ Sou eu que vou trabalhar”, mostrando agora, a valorização do trabalhador que faz tudo pela dignidade, pela família e por seu país.

Similarmente, Jorge, por ser a figura totalizadora do trabalhador brasileiro, representa ambigualmente os preceitos do contexto. Nele, enxergamos o trabalho acima de tudo e isso intensifica sua alienação e a exposição da precariedade e exploração que era submetido: “Nesse ponto, abre-se espaço para naturalizações das formas de dominação e exploração, pois os elementos corrompidos são assumidos como ponto de sutura para as formulações equivalências” (LARA JÚNIOR, 2012, p.20).

Através de Jorge, podemos inferir a dificuldade de ascensão no capitalismo periférico, onde não se tem atenção às leis, que deveriam ser garantidas pelo Estado. Assim, há uma falsa ideia da ordem e do progresso, pois, se havia um avanço, era devido às custas da exploração dos trabalhadores. Se por um lado havia o desenvolvimento da industrialização e o enriquecimento de apenas uma parcela das pessoas, por outro, havia o grande aumento da miséria e pobreza de grande maioria da população, com uma distribuição desigual da riqueza e exclusão social:

O Estado na ditadura tem como função assegurar a reprodução do grande capital, e para remediar e dar respostas à sociedade, instaura políticas sociais compensatórias conduzidas de formas tecnocráticas e conservadoras, não sendo estabelecidas com a intenção de expandir os direitos sociais, mas como um mecanismo de coerção social. (SOUZA, ARAÚJO & EVANES, 2018, p.5).

A literatura é capaz de resistir, ainda que timidamente, a preponderância coercitiva. Através da exposição da subjetividade de Jorge, percebemos o ser esvaziado, que, sobretudo ao

final da narrativa, no ato da demissão afirma um pequeno descontentamento com o patrão: “E eu já não gostei de como ele disse “o que”. E continuou, e eu quis sair porque ele começou a falar “daquele atraso”, e daquilo de levar “tantos dias para trazer uns caminhões da Rio- Bahia até Belo Horizonte” (FRANÇA JR, 1982, p.186).

Fora a primeira e única vez que Jorge se manteve firme e preferiu, ainda que por orgulho, não aceitar o descontentamento e se sentiu ultrajado ao perceber que todo seu esforço não fora suficiente e seu labor não era imprescindível. A instância literária deflagra na formação do personagem uma questão típica da sociedade brasileira e consegue empreender uma dupla função: ao mesmo tempo em que se dramatiza o discurso em favor da moralidade do trabalho, à contrapelo vem a crítica, repensando como essa avidez pela produção esmaece a humanidade e gera uma potente reflexão em torno do tema. Deste modo, a leitura parece agradar o discurso da ordem e do progresso, mas o dribla na medida em que revela as contradições que lhe cerca.

A literatura é, nesse aspecto, um fenômeno cultural interessante e manifesta-se como um direito medida em que ela pode promover a humanização. Antonio Candido (2004) reivindica o direito a literatura juntamente com alimentação, moradia, estudos, entre outros bens sociais por compreender que a leitura literária auxilia na luta contra a reificação na medida em que abre espaço para a sensibilidade e discussão acerca das condições básicas para a vida humana digna.

Jorge, um brasileiro, ao ser lido à luz da reflexão humanista, esboçando as contradições, entendendo-as como impasses históricos, é sem dúvida um exercício dignificador e, por mais que não saibamos lidar sistematicamente com as intemperes de um desenvolvimento periférico, geradoras de um trabalho que leva à reificação, conseguimos saber da sua existência e de como ele é castrador e sequestrador da subjetividade. Nesse aspecto, a obra literária é capaz de humanizar, pois oferece, na sua estrutura, a vivência de diferentes realidades e situações organizadas, penetrando na esfera da vida não só pela reflexão, mas pela emoção, oferecendo compreensão e conhecimento acerca da sociedade e de nós mesmos. Talvez, se o personagem Jorge tivesse condições de gozar da fruição literária, se essa se tornasse um direito disponível para todas as classes e em níveis diversos, ele compreenderia a multiplicidade da existência, e isso evitaria a sua condição precarizada e sua sobrevivência apenas pelo e para o trabalho.

Referências

- ANTUNES, R. *O privilégio da servidão*. 2ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2010. BOSI, A. “Narrativa e resistência”. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, A. *A personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. “O direito à literatura”. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p. 169-192.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. 2ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- FRANÇA JR., O. *Jorge, um brasileiro*. São Paulo: Ática, 1982.
- GOLDMANN, L. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991.
- GORZ, A. *Metamorfoses do trabalho, busca do sentido: crítica da razão econômica*. São Paulo: Annablume, 2003.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: editora Unesp, 2015.
- LAFETÁ, J. L. “O romance atual: considerações sobre Oswaldo França Júnior, Rui Mourão e Ivan Ângelo”. In: *A dimensão da noite*. São Paulo: Duas cidades, 2004.
- LARA JUNIOR, N. A verdade em tempos de ditadura militar: reflexões a partir da psicanálise. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, vol. 48, núm. 2, pp. 103-110, ago. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93823715005>. Acesso em: 15 dez. 2022
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- PAULINO, A. E. L. O impacto do “milagre econômico” sobre a classe trabalhadora segundo a imprensa alternativa. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 562-571, dez. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802020000300562&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 dez. 2022
- SCHWARZ, R. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In: *Que horas são?* 1ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- SOUZA, Milena Freitas de; ARAÚJO, Thaynah Barros de; EVANES, José. O crescimento do bolo e das desigualdades: caracterizações das políticas sociais no regime militar brasileiro. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2018, Piauí. Anais eletrônicos, UFPI, 2018. Disponível em: <https://sinespp.ufpi.br/2018/upload/anais/MTk2.pdf?104609>. Acesso em: 15 dez. 2022

Recebido em: 04/01.2024.

Aceito em: 10/05/2024.